

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 25 de Maio de 1856

N. 16

## RELATORIO

### DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

*Apresentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.*

Srs. socios do *Gremio Litterario Portuguez* :

Uma idéa grandiosa é muitas vezes em principio mal comprehendida ; com o tempo e a meditação ella se desenvolve , torna-se cada vez mais esclarecida, e mostra então as suas conveniências. O principio de per si encerra uma difficuldade, e essa difficuldade ás vezes traz o desalento, acarreta apoz si consequencias assás funestas. Quantas idéas proveitosas e sublimes não vimos nós definhar á nascença, derrubadas pela mão do indifferentismo ? ! Não é facil a comprehensão dellas a todos os homens : Deos não dotou de intelligencia alta a todos os seres da especie humana ; diyidio-a, e os afortunados foram poucos. Ainda hoje, Srs., oppõem-se innumeradas difficuldades á realisação da idéa d'um homem verdadeiramente sabio ; ainda hoje, Srs., o methodo Castilho é quasi desprezado !! Com dôr o digo, não comprehenderam todas as vantagens, que delle podem resultar : esse genio appellou para o futuro.... O futuro ha de desenvolver essa idéa, e a posteridade lhe fará justiça. As cousas não nascem feitas, fazem-se : os talentos nascem com as pessoas, é verdade; mas o talento sem que seja cultivado, não dá o fructo desejado. E' o mesmo que o grão semeado a esmo, sem que seja beneficiada a terra, elle reverdece, mas seus fructos, são sobremaneira escassos. Que dirieis vós se contemplasseis Camões deitado no seu leito d'innocencia, chorando, pedindo naquelle choro, naquellas lagrimas, digo naquellas fallas, só comprehendidas pela mãe, o sustento, o leite, unico alimento do recém-nascido ? ! Dirieis certamente, que era uma creança como qualquer outra ; no entanto elle cresceu, cultivou o seu vasto talen-

to, e fundou um monumento tão grandioso , unico padrão de nossas passadas glorias, e que tão mal lhe pagaram esses a quem levou á posteridade! Assim pois, Srs., a idéa d'uma associação aonde se reunissem alguns jovens desejosos de cultivar sua intelligencia , de aprender a exprimir em publico os seus pensamentos mutuamente , sem se escandalisarem por algum dito menos reflectido , encontrou escolhos poderosamente fortes: todavia levados por sentimentos poderosos, seis jovens instituiram a sociedade *Luso-Instructiva*, facultando o Sr. Leite Machado sua salla para as reuniões da referida sociedade ; foi elevado o numero a doze , numero que um regimento interno por ue se guiava , não permittia que se augmentasse. A sociedade caminhava vagarosamente , como caminham as aguas d'um manso ribeirinho, quando appareceu o Sr. Bernardino Pinheiro. Elle veio acoroçoar o pensamento que todos os socios nutriam, de se fundar uma folha litteraria, e então foi mudado o nome da sociedade, para *Gremio Litterario Portuguez*. A idéa d'esse honrado socio, que se acha ausente , encheu de jubilo todos os corações d'esses jovens, e causou um enthusiasmo sobremaneira grande. Foram discutidas as bases em que se devia fundar esse Jornal, e appareceu a discordia. A publicação da *Saudade*, foi apezar d'isso decidida pela maioria. Nada , porém , neste mundo é estavel. Quando se pretendeu pôr em pratica esse pensamento parte dos socios desertaram das bandeiras que haviam jurado, e a sociedade viu-se reduzida a seis socios ! A ingratição de seus companheiros não fez resfriar o animo desses devotados jovens elles poderam conseguir por si, e pelos seus amigos angariar quatrocentas e tantas assignaturas, e a *Saudade* seguiu seu caminho de prosperidade, tendo á frente, como principal redactor o Sr. Bernardino Pinheiro.

( *Coninúa.* )

## LITTERATURA.

## Paginas intimas.

## AMORES.

## XIV

*Madre mia amores tengo  
Lindos son á maravilla....*

UM POETA DA IBERIA.

Decididamente, desta vez o *deos vendado* divertio-se commigo.

Quer isto dizer, leitores, que estou apaixonado.

E tão seriamente apaixonado, que não posso escrever cousa alguma que geito tenha.

Ah! felizes tempos d'outr'ora, por que não voltaes !...

E' uma aventura que tenho a relatar-vos.

Já vos declarei que estava resolvido a fallar tanto de mim, como hei fallado dos outros.

Não penseis porém que essa aventura é do genero daquellas que se davam no tempo de Margarida de Borgonha, Izabel de Baviera, rainha Margot, Luiz 14, Regencia, &c., &c.

Nada, a minha aventura é de genero mui diferente; é uma aventura *trés galant*, e de que sómente este vosso creado tem o privilegio exclusivo.

Ia por certa rua... bastante preocupado; quem me visse diria que eu tinha *vijado as estopinhas*, ou que ruminava algum projecto monstruoso... do tamanho do *pão d'assucar*.

— Chamam-no, me disse uma pessoa que ia perto de mim.

Volto-me; um menino se aproximava com uma carta na mão.

Corria atraz de mim á muito tempo, porque o seu rosto brotava fogõ.

Esquecia-me dizer que nesse dia fazia um calor diabolico.

— O que temos? perguntei eu com voz de *Pachá*.

(Não é só na Turquia que ha *Pachás*.)

— E' o Sr. o autor das *paginas intimas*?

— Eu mesmo, respondi com emphase.

— Encarregaram-me d'entregar-lhe esta carta, tornou o menino, olhando-me desde a extremidade dos pés até a cabeça.

Como é muito natural receber-se uma carta, peguei na que me entregavam, e olhei para o subscripto.

Estava calvo como a cabeça d'um *mandarim Chinez*.

Desconfiei da missiva.

O menino advinhou essa desconfiança porque disse:

— A carta não tem subscripto nem assignatura, por dous inconvenientes, o primeiro porque cartas dessa ordem não costumam ser subscriptas; o segundo porque a pessoa que a remette não quer ser conhecida sem saber se o Sr. se conforma com o seu pedido.

E sem mais preambulos, desapareceu.

Fiquei boquiaberto!

Passava um amigo meu.

— Que fazes por aqui? perguntou.

— E' o que acabava de propôr a mim mesmo.

— Como?

— Ignoro o que faço; sei que estou envolvido em uma aventura de novo genero.

— Conta-me isso.

Cedi ao pedido do meu amigo, e referi-lhe o occorrido.

— Que sinplorio! exclamou aquelle, quando conclui; eu já tinha aberto a carta, e respondido.

— Dado o caso de que tenha resposta.

— Está visto; vamos abre a venturosa missiva.

Sou infeliz com cartas; esta, além de mal escripta, tinha duzentas e uma faltas d'orthographia! Tive de traduzil-a para o vulgar; comtudo essa traducção é bastante incorrecta; dar-vol-a-hei em resumo.

Pediam-me para comparecer na rua do C. n. 23, ás tres horas da tarde do dia seguinte.

As *paginas intimas* eram ainda a origem deste reclamo.

Como da primeira vez supuz que alguma romantica joven se apaixonara de mim, procurando conhecer-me pessoalmente.

Não é fatuidade; com quanto os felizes tempos da cavallariã ha muito hajam passado, não é d'espantar que no seculo das luzes de... *gaz*, se dêem casos semelhantes aos d'outras eras.

O meu amigo instou para não faltar, e vestido de ponto em branco, apresentei-me no dia seguinte na casa que me indicavam.

Devia terminar aqui a minha aventura, por que como bem diz o nosso insigne poeta Garret, os segredos de ventura são só para se guardar, com tudo não poderei concluir sem relatar o essencial, que é a visita.

A casa é uma habitação elegante e conforta-

ble ; moveis ao gosto da época, damascos por todos os lados, jardim, &c., &c.

A deusa é... nem mais nem menos que uma mulher de 55 janeiros, tendo por appendices tudo aquillo que se identifica com esta idade.

Acompanha-a neste isolamento uma creada, *segunda edição* do original, e... um gato muito impertinente.

Mas vede o poder do *deos vendado* ! essa mulher causou-me uma revolução terrível no coração, e de constante bate por ella. Estou apaixonado — não durmo senão quando tenho soimno, não como senão quando tenho vontade ; emfim desta vez *dou á costa*.

Quereis saber o melhor ?

Esta irmã mais moça das *tres parcas* desejava conhecer-me para poder passar algumas horas d'innocente distracção.

Soube que eu gostava infinito da leitura, e pede-me neste momento para passar a sua casa, e contar-lhe historias de ladrões, phantasmas, e *tuti quanti* ; pedido que não posso deixar de satisfazer, porque estou apaixonado... seriamente apaixonado.

O amigo em que vos fallei ha pouco, e que estava presente na occasião em que recebi o recado, disse-me com muito sangue frio — manda-a pegar no rosario ; é tempo de reconciliar-se com Deos.

A minha penna que, como sabeis, é muito caprichosa, formalisada por tel-a obrigado a escrever umas *paginas intimas* tão *chochas*, recusa prestar-se a assignal-as, e apenas consente que eu ponha esta unica letra :

X....

### Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

#### O RAPTO.

(Continuação.)

Como dizia á pouco, foi o poeta que trouxe a paz á casa da tia Martha.

O criado de Lourenço apressou-se em cumprimentar aquelle, informando-o do occorrido.

— Estou sciente do negocio ; o Sr. Lourenço dignou-se convidar-me para tomar parte no divertimento, não sem me pedir que esquecesse por algum tempo que sou um conquistador de

tudo quanto é mulher bonita. Vamos, a que horas temos a funcção ?

— A' meia noute em ponto, rsspondeu o criado ; mas estes amigos estão muito faltos de coragem ; querem tomar parte no rapto como espectadores.

— Não será assim, porque desde já me arvore em chefe da empresa, respondeu o poeta com voz de stentor ; e aquelle que não me me obedecer cegamente, verá para quanto presta este punho !

E para juntar a acção á palavra deu um *murro* em cima d'uma mesa de jantar, ainda occupada com pratos, garrafas, &c., &c.

Tanto aquelles como estas foram cahir a alguns passos da mesa.

A tia Martha amarrou as mãos na cabeça, pedindo misericordia, os compãheiros do criado de Lourenço lançaram uma vista significativa para a porta da rua, e aquelle ficou pálido como um defunto.

Eram taes homens que tinham de consummar um rapto naquella noute !

Tambem só com pessoas taes é que Lourenço podia contar ; homens de bons sentimentos já-mais se prestariam a ser cúmplices d'um crime.

O poeta resolveu-se a dar um golpe de mestre — forçando os seus sequazes a comparecerem meia hora antes da aprazada, proximo á mata que os leitores conhecem já.

Deu-lhes instruccões, reiterando os protestos de vingança, caso não as seguissem á risca.

Aquelles conformarão-se com tudo, e depois d'um aperto de mão retiraram-se.

Ficou unicamente o *Coxo*.

— Tia Martha, disse elle, vou fazer-vos uma confissão — estou subjugado aos encantos d'uma rapariguinha que conheceis.

— Quem é ?

— Mathilde.

A velha soltou uma gargalhada tão sarcastica, que forçou aquelle, por um movimento repentino, a precipitar-se sobre ella.

Martha não se moveu um passo ; affrontou com um sorriso ironico o olhar de raiva que o *Coxo* lhe lançou, e estendendo a mão, disse com voz pausada e solemne :

— Defende-te de lebares a effeito qualquer pensamento em prejuizo d'essa menina ; porque do contrario, é a *feliceira* quem o diz, pagarás bem caro o atrevimento !

— E se eu te disser, respondeu aquelle ran-

gendo os dentes, que hei-de amanhã mesmo levar a effeito uma idéa que me occorreu agora?...

— Desgraçado de ti!

— Nada de prophecias; jurei que Mathilde deve dormir amanhã em minha casa — e hade dormir.

Ha scenas difficeis de pintar; dizer a expressão de furor que brilhou dos olhos de Martha, logo que o *Coxo* concluiu o seu juramento, será impossivel; basta saber-se que o malvado hesitou um momento se devia continuar ou sahir, e por fim tomou o ultimo expediente.

— Foges, cobarde! exclamou a velha correndo em perseguição do primeiro, não; não sahirás sem me prometteres aqui, sob juramento, que protegerás Mathilde em quanto existires.

E, cousa espantosa! o *Coxo* voltou-se, inclinou a cabeça, como o condemnado ao ouvir ler uma sentença infamante; e esperou!

— Vamos; disse a velha forçando-o a ajoelhar-se, repete o que te vou dizer.

— Estou prompto, respondeu aquelle com voz imperceptivel.

— Juro, começou Martha com voz solemne, proteger Mathilde, empenhar-me para que ninguém ouse levantar mão sobre ella, e acompanhá-la como guarda fiel e vigilante, por toda a parte em que ella for.

O *Coxo* repetia com voz tremula as palavras da velha, e mister foi que esta o mandasse levantar; tal era o ascendente que Martha operára n'um momento sobre elle.

— Agora podes partir; mas lembra-te que seguirei teus passos!

O poeta ia, inteiramente succumbido, compor alguma *ode* funebre sobre a sua decepção.

(*Continúa.*)

## Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO I

(*Continuação.*)

Em quanto estas scenas se passavam em Santa Helena, tambem no Rio de Janeiro, em uma casa assobradada na rua do Rosario entre o largo da Sé, e rua dos Ourives, n'uma salla da frente, se passavam outras, não de menos interesse, ou curiosidade.

Luiza, essa mulher de que tanto Frederico se queixava, se dirigia para ahi, acompanhada por Margarida, antiga creada de sua confiança; caminhava ella tremula, e a cada passo parecia desfallecer. Tinha soffrido uma febre forte, e não haviam dous dias que se havia levantado do leito. Os desgostos continuados, tinham-na, de tão saudavel que era, obrigado a adoecer frequentes vezes. Apenas chegou ao meio da salla, deixou-se cahir em um sofá; e Margarida foi logo tomar assento ao seu lado, porque muito receava da molestia de sua ama, e de sobra sabia, o estado de seu coração. Luiza enxugando as lagrimas que lhe corriam fortemente pelo seu palido rosto, pronunciou estas palavras entrecortadas por dolorosos suspiros: — Margarida, minha boa amiga, disse ella apertando a mão da sua creada levemente, como se mudam as cousas deste mundo! como as illusões desaparecem, e fica sómente a realidade! Eu sou ainda tão moça, — disse ella com certo ar de tristeza, e com effeito Luiza, poderia ter então os seus dezoito annos; apesar da sua palidez mostrava na phisionomia, que a deusa da belleza teve ahi o seu imperio; — mas oh! desventurada de mim, continuou ella, os remorsos me tem tornado completamente desfigurada! mulher fraca como todas as mais, porque temos um coração inteiramente sensivel, nos enganamos com facilidade, e as mais das vezes nos deixamos arrastar por um homem que nos mostra o amor nos labios, e no entento tem o veneno no coração! Alfredo me pintou tantas felicidades, tantas ostentações na sociedade, que eu inteiramente esquecida de Frederico, a quem havia promettido um amor eterno, quebrei todas essas promessas que lhe havia feito! Dei a mão de esposa a Alfredo; e onde estão todas essas venturas promettidas? O tratamento que me elle tem dado, inda é peor que o da mais infima de suas escravas!!!... O' jovens inexperientes, vinde vos olhar neste claro espelho! Frederico, ó meu querido Frederico, quantas vezes me terás tu amaldiçoado em teu exilio!... quantas vezes tu terás pedido ao Céu os premios da minha perfidia... sim, elle de certo escutou a tua prece. Porém se podesses imaginar o que se passa neste momento dentro do meu coração, estou bem certa de que havias ter de mim piedade; tu eras bom, tinhas uma alma nobre, que me não foi dado então comprehender! Pois o que mais carecia eu do que ser amada por ti? Ah! insensata que eu fui!—

Luiza ia continuar a lastimar-se, quando entrou Alfredo acompanhado de um sujeito alto e magro, de olhos grandes e pretos, cabellos castanhos, esse homem de porte altivo e olhar severo, era o doutor Lima, medico da casa que vinha visitar a sua enferma que era Luiza, apenas se aproximou della tomou-lhe o pulso, e depois de examinal-a com attenção, disse para Alfredo: — será bom mandar deitar esta senhora, pois está muito fraca, e o seu estado de fraqueza não permite esforçar o corpo.

Alfredo immediatamente n'um tom aspero, disse para Luiza: — A senhora queira recolher-se ao seu aposento, sem mais alguma demora.

E Luiza logo tomou a mão de Margarida e se apoiou nella sahindo vacillante e desgostosa, com a mesma lentidão que tinha entrado.

O doutor Lima assentou-se á mesa, e escreveu algumas linhas em meia folha de papel, depois entregou-a a Alfredo que logo chamou um de seus escravos e mandou-a para a botica.

O doutor Lima, depois de ter feito algumas observações, sobre o modo de ser applicado o medicamento, se retirou.

Alfredo, logo que elle sahio, principiou a passear, e depois de ter percorrido por alguns minutos a passos lentos as taboas do soalho de um lado ao outro, e dar ao diabo o doutor Lima e a sua sciencia que tanto fazia alongar a vida de sua mulher, sahio com as mãos nos bolsos, e a contar pausadamente quantos passos ia dando.

(Continúa.)

M. LEITE MACHADO.

## A Rainha Cleopatra.

FRAGMENTO.

I

ANTES D'AURORA.

A rainha Cleopatra tinha dito:

« Egypto, sê feliz; porque eu te darei festas como jamais em Assyria deram os Reis de Ninive e da Babylonia ! »

E o Egypto todo estremeceu a estas palavras d'amor.

Muito tempo havia que os vales fecundos não tinham sido conturbados por algum ruido de guerra.

Os campos de trigo desenrolavam a perder de vista os esmaltados tapetes de centaurea.

Era nesse bello mez do anno em que o sol entra no signo de Touro.

A roseira e o lodão retomavam seus botões da Primavera: os myrthos selvagens, e as amendoeiras da Judéa estavam cobertas d'essa neve de flôres; os cyprestes desgrenhados e os cedros odoriferos davam asylo em seus ramos ás candidas pombas.

O sopro calmoso dos desertos da Lybia, não surgira ainda; o vento fresco do Oriente brincava nas madeixas da Flora Egypciana.

A torrente, este anno, treshordára pelas terras alteradas — retirando-se com calma após esse longo abraço dado em sua bem — amada.

O caudaloso Nilo é o esposo do Egypto.

Deitados entre dous desertos, elles sorriem ás estrellas, que os contemplam, e o mar está a seus pés como um banho d'agua pura ambarisada.

E estes reaes amores tem-nos adorado os povos, e os poetas os hão cantado.

Oh! quando a bella flumen sahe de sou leito, com a fronte coroadada d'algas e de lyrios, quando ella se assenta sob porticos de palmeiras e salgueiros babilonicos, como o Egypto é feliz!

A filha dos Pharaons corre com o seio pejado de suspiros, e os labios abertos, como a flôr encarnada de Carthago, e seus longos cabellos, sus-tidos pelas fachtas sagradas, se lhe desenrolam sobre os hombros; e bem depressa seus olhos brilhantes se cobrem d'um vapor parecido ao de Phebo nebuloso; é então que o deos Nilo, conduzindo-a nos braços, a vae brandamente depor sobre a relva odorifera d'essas margens.

(Continúa.)

Traduzido por XAVIER PINTO.

## POESIAS.

### A transviada.

*Se algum ha d'entre vós isem-  
pto do peccado, que lhe atire a  
primeira pedra.*

Era linda, era innocente,  
Descuidada, imprevidente,  
Não lh'importava o porvir;  
Tinha a belleza d'um anjo  
O sorriso d'um archanjo,  
A cor da rosa ao abrir.

Tinha a voz tão doce e pura,  
 Como por entre a espessura  
 Vem a brisa perpassando ;  
 Tinha em si as seducções,  
 Que prendendo corações,  
 No mundo vão imperando.

A um sorrir, quasi divino,  
 Convidava o peregrino  
 A ter fé — a esperar ;  
 Era o sonho do poeta  
 Que tem por unica meta  
 Um tal anjo deparar.

Mas a vida é illusão....  
 Logo veio a seducção  
 Feia, medonha, envolve-la ;  
 Nuvens negras despontaram  
 E de longe lhe mostraram  
 Como se offusca uma estrella.

Ai ! como breve a existencia  
 Lhe mudou a doce essencia  
 Pela vida amargurada !...  
 Como a rosa emmurcheceu,  
 E como ella, ai ! feneceu...  
 Foi por todos desprezada !

Tão errante qual proscripto  
 Que na frente traz escripto  
 A fatal condemnação...  
 Melancolica buscára  
 Aquelle — que lhe matára  
 O verdor do coração.

Com desprezo o seductor  
 Lhe pagou o terno amor,  
 E não mais d'ella cuidou ;  
 Satisfeito seus desejos  
 Q'importavam torpes beijos  
 Da mulher que assim peccou ? !

Infeliz ! jamais a vida  
 Lhe seria tão querida  
 Como o fora inda innocente ;  
 Um erro tarde se esquece,  
 E nunca cedo fenece  
 Da memoria de quem sente.

E depois... essa frieza...  
 Em breve tanta baixeza !...  
 Ai ! da joven que será !...  
 Infeliz !... aguarda a morte  
 Como a sua melhor sorte...  
 Coitada !... perdida está !...

Se um erro sempre s'expia  
 Não zombeis do que peccou ;  
 Perdoae á transviada  
 Porque Deus já perdoou !...

Rio, Maio 10 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

### Minha aventura.

Escuta, Julia,  
 Queres saber ?  
 Uma aventura  
 Vou-te dizer.

Eu já tres lustros,  
 Meu bem, contava,  
 Inda em folgedos  
 Mil me occupava.

Dir-me-has : tres lustros  
 Muito é folgar !  
 Porém deixemos  
 Isso passar.

Por entre a relva  
 Do prado, um dia,  
 Eu, inxperto,  
 Ledo corria.

Assim andando,  
 Julia, entretido,  
 Eis que a meu lado  
 Sinto um gemido.

Volto meus passos,  
 Corro ao lugar  
 Onde o gemido  
 Ouvi soltar.

Não ando muito,  
 Quando a um vallado  
 Junto, um menino  
 Vejo sentado.

Ai! se tu visses  
 Como era bello,  
 Em cachos, louro  
 Com o seu cabello!

Que deslumbrante,  
 Que feiticheiro,  
 Não tinha o rosto  
 O tal bregeiro!

De seus olhinhos  
 Azues, o pranto  
 Descendo em per'las...  
 Que meigo encanto!

Nenhumas vestes  
 Ao coitadinho,  
 Do ar resguardam  
 O seu corpinho.

Eu condoido  
 De seu chorar,  
 Vou, p'ra nos braços  
 O acalentar.

Mas quando o tredo  
 Me vê chegado,  
 Pega n'um arco  
 Que tem ao lado!

Já c'um sorriso  
 No rosto seu,  
 A flecha aponta  
 Ao peito meu.

Eia... suspende!...  
 Que vais fazer?!  
 Tremendo, apenas  
 Posse dizer.

Disto fallar  
 Mal acabava,  
 Já no meu peito  
 A flecha entrava.

— Sempre és menino  
 Muito travesso!  
 Que mal te fiz,  
 Qu'isto mereço?!

— Vê como fallas!  
 (Diz-me) atrevido,  
 Não sabes tu  
 Qu'eu sou Cupido?

— Vai p'ra os infernos,  
 Respondo então,  
 Qu'importa sejas  
 Cupido ou não?!

Inda ao martyrio  
 Eu m'estorcendo,  
 A elle, irado  
 Me vou correndo.

Mas o magano  
 Logo fugindo,  
 De seu triumpho  
 Se foi sorrindo.

Eu fiquei triste,  
 Gemendo a dor  
 Da f'rida-insana  
 Que fez-me amor:

Mas desde então  
 Jurei não qu'rer  
 Com taes crianças  
 Mais entender.

Rio de Janeiro, Abril de 1856.

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

### A Ciumenta.

Que tens, formosa donzella,  
 Quem assim te faz scismar?  
 A tua brilhante estrella  
 Viste acaso se offuscár?!  
 Vejo-te a fronte chorosa,  
 Acho-te menos garbosa,  
 Exprimes-te pesarosa  
 De continuo a suspirar!

Eras, donzellã, um composto  
 Das bellezas do Senhor,  
 Teu sereno e meigo rosto  
 Tinha da roza o frescor,  
 Eram teus olhos dous lumes,  
 De tua voz os perfumes  
 Faziam inveja, ciumes  
 A' fragrante e pura flôr.



Eras linda e feiticeira  
 Como a estrella em [céo d'anil,  
 Como a linda pegureira  
 Levando o armento ao redil.  
 Que é da tua louçania ?  
 Onde existe essa alegria  
 Que jámais desaparecia  
 De teu rosto varonil ? !

Tens padecido... Coitada !  
 Já não tens da rosa a côr !  
 Teus olhos que eram de fada  
 Perderam muito o fulgor :  
 Fallas sempre distrahida,  
 A fronte ás vezes pendida  
 Como a planta emmurchecida  
 Pelo sol abrasador.

Tu soffres... que tens, oh virgem ?  
 Quem te occupa o pensamento ? !  
 Ah !... basta ; penetro a origem  
 D'esse teu padecimento ;  
 Amas... Côras ? — não prosigo...  
 Perdoa ; nada mais digo ;  
 Mas dá-me o vêr se consigo  
 Minorar teu soffrimento.

Sim ; se o lacrimar da aurora  
 Revive a flôr resequida ;  
 Se refulge como outr'ora  
 Estrella empallidecida ;  
 Tua face desbotada,  
 Pelo ciume sulcada,  
 Bem póde vêr-se adornada  
 Vivendo de amor a vida.

J. A. DOS S. CORTIÇO.

### Minha estrella.

Qual a fonte murmurando  
 Pelo prado refrescando  
 A mais delicada flor ;  
 Eu tambem entre a procella  
 Fui apoz a minha estrella  
 A cantar trovas de amor.

Mas se aqui a contemplava,  
 Lá mais longe se occultava  
 E eu ficava a suspirar ;  
 E então lhe disse mui triste :  
 Estrella, por que fugiste  
 Quando ouviste o meu cantar ?

Vieram logo os pastores  
 Escutar de meus amores  
 O poder da ingratição ;  
 E de mim compadecidos  
 Mostraram-se enternecidos,  
 De mim tendo compaixão.

Oh ! que prazer me assaltava  
 Quando entre todos me achava  
 Mitigando a minha dor ;  
 Que gratidão era a minha,  
 Dizei, dizei, estrellinha,  
 Não era toda de amor ? !...

Vinde agora responder-me,  
 Ai ! vinde... vinde dizer-me,  
 Do intimo do coração ;  
 Onde o amor é mais perfeito,  
 Se na mulher contrafeito  
 Se no rustico aldeão ? !...

Maio de 1856.

M. LEITE MACHADO.

### A uns annos.

Quizera estar hoje mais ledo que nunca,  
 Um dia sómente gosar alegria ;  
 E d'alma expellindo pungentes lembranças,  
 A dor esquecer no prazer deste dia.

Quizera que a lyra que só ha cantado  
 Tristezas — saudades, e prantos e dôr,  
 Soltasse hoje um canto que a ti revelasse  
 Esperanças e crenças que eu tenho no amor.

Quisera dos campos colher branca rosa,  
 Que pura e singela no candido alvôr  
 Gentil retratasse o sentir de tua alma,  
 Mais purò e suave que o aroma da flôr.

Debalde, meu anjo, buscara eu na terra  
 De teu sentir puro a imagem fiel...  
 Os anjos te tecem no céo d'onde és vinda,  
 Corôa mais bella — mais nobre laurel.

A lyra mesquinha quizera offertar-te...  
 Inutil desejo !... meu canto que val ?...  
 No céo é costume, nas harpas sonoras  
 Cantarem os anjos de outro anjo o natal.

Maio de 1856. —

JAVES.